

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

GARDÊNIA BARBOSA DE ALMEIDA ARAÚJO

IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Leituras e propostas metodológicas

CAMPINA GRANDE-PB
2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A663i Araújo, Gardênia Barbosa de Almeida.
 Imagens no ensino de Geografia / Gardênia Barbosa de Almeida
 Araújo. – Campina Grande, 2016.
 23 f. : il. color.

 Artigo (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

 "Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho".

 Referências.

 1. Geografia - Ensino. 2. Imagem. 3. Recurso Didático.
I. Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 910.1(043)

GARDÊNIA BARBOSA DE ALMEIDA ARAÚJO

IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Leituras e propostas metodológicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia no Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho

CAMPINA GRANDE - PB
2016

GARDÊNIA BARBOSA DE ALMEIDA ARAÚJO

IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Leituras e propostas metodológicas

Artigo Científico apresentado à banca examinadora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Campina Grande, PB.

Aprovado em 05 de maio de 2016.

Banca Examinadora

Professor Doutor: Luiz Eugênio Pereira Carvalho - Orientador
Universidade Federal de Campina Grande.

Professora Doutora: Sonia Maria de Lira - Examinadora
Universidade Federal de Campina Grande.

Professora Mestre: Angélica Mara de Lima Dias - Examinadora
Universidade Federal de Campina Grande.

RESUMO

Este artigo versa sobre as Imagens no Ensino de Geografia. Nossa abordagem tem por finalidade apontar para sua importância como instrumento auxiliar nas aulas por entendermos que as teorias isoladamente não cumprem a tarefa de aproximar os alunos do mundo concreto dos fenômenos que se apresentam em constante movimento e transformação. Nessa perspectiva, resgataremos a ideia mais ampla da noção de imagem em seus diversos significados, valendo-nos da metodologia de levantamento bibliográfico e exposição dos conteúdos neles encontrados, para evidenciar que as imagens, em seu sentido e aplicação mais lato, deve ocupar um lugar de relevo na didática do Ensino de Geografia sem nos abstermos das teorias. O resultado de nosso trabalho revelará que as imagens são aquela base de apoio pedagógico que, em uma ciência de característica empírica, não se pode abrir mão por razões de seu apelo ao sensível.

Palavras-chaves: Imagem; Ensino de Geografia; Recurso Didático.

ABSTRACT

This article deals with the Images in Geography Teaching. Our approach aims to point to its importance as an auxiliary instrument in class, since we understand that the theories alone do not fulfill the task of bringing to the students the concrete world of phenomena, which are in constant motion and change. In this perspective, we will redeem the broader idea of the image concept in its various meanings, using the bibliographical survey method and description of contents in them found to show that images, in its meaning and broader application, must occupy a prominent place in the teaching of Geography without abstain theories. The result of our work will reveal that the images are the pedagogical support, in a science of empirical characteristics, who we cannot give up on the grounds of his appeal to the sensible.

Keywords: Image; Geography Teaching; Didactic Resource.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.
Trabalho de Conclusão de Curso.

1 INTRODUÇÃO

Se pensarmos como o geógrafo francês Emmanuel de Martone quando este afirma que a Geografia é a “ciência que estuda a localização na superfície da Terra dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas e as relações entre esses fenômenos” (SELBACH, 2010, p. 32), não seria difícil firmarmos uma trajetória que nos conduzisse na direção desses conteúdos apontados pelo nosso autor.

Encarar a Geografia a partir da perspectiva de Martone, é crer que, não devemos senão empregar o método das experiências dos fatos para abarcar as ocorrências que se realizam na superfície da Terra. Não convém tomarmos o espaço geográfico e transmiti-lo para os alunos sem que esse se revele digno de apreciação prática e tangível.

Entretanto, a lacuna que há entre os fenômenos que se mostram e os meios que dispomos para noticiá-los não são suficientemente adequados quando o que está em jogo é aproximação entre os alunos e os fatos. Prova disso são os livros didáticos amplamente disseminados nas escolas por todo país quanto a carência que neles encontramos e verificação do uso deficiente das imagens e a supremacia das teorias imobilizadas.

Diante disso, o que propomos aqui neste artigo é tentar demonstrar que, se não podemos oferecer para os alunos o mundo na sua integralidade, então devemos nos engajar para transportá-los o mais próximo possível aos fenômenos sucedidos no espaço geográfico através das imagens.

Essa tarefa de transportar o aluno para o mundo concreto ou pelo menos o mais perto e latente de seus significados, passa por percorrermos o quanto é importante o uso das imagens como recurso didático no aprendizado da Geografia. Veremos, neste artigo, a importância das imagens para o melhor aproveitamento dos alunos nas aulas de geografia, pois – como deveremos demonstrar –, as imagens², sejam elas um fim em si mesmo ou um meio para indicar como ocorre um fenômeno, são em alguns casos indispensáveis quando o conteúdo de estudo não nos permite fazermos diligências que nos possibilite verificarmos os objetos como eles são na realidade. Desse modo, far-se-á necessário, para o bom aproveitamento das aulas

² Entendemos por imagem como fim em si mesma quando esta é a imagem de um objeto concreto que está diante de nós; e, por meio, entendemos que são as imagens que nos transporta para lugares os quais não podemos nos deslocar para experimentar *in loco* o fenômeno que se pretende examinar.

dos níveis não superior, o expediente das imagens como essa ferramenta que supri certas deficiências pedagógicas.

Antes de iniciarmos o desenvolvimento de nosso artigo, apresentaremos o procedimento metodológico em que versará sobre o conjunto de passos que adotamos para consecução deste trabalho. A síntese desse procedimento pode ser aqui exposto como um levantamento bibliográfico – como haveremos de detalhar no tópico sobre metodologia – do núcleo do tema dessa investigação, isto é, a imagem.

Sendo assim, principiaremos nossa abordagem definindo a noção de imagem a qual empregaremos neste trabalho. O resultado dessa definição remonta para seu significado mais abrangente, significado este que não está circunscrito a nenhuma denotação particular do termo, mas que diz respeito à pelos menos três acepções distintas e que serão de maneira não sistemática desenvolvidas e diluída no meio de nossa argumentação, quais sejam: as formas concretas, simbólicas e metafóricas.

Em nosso quarto tópico veremos a aplicabilidade das imagens como recurso didático no ensino de geografia. Faremos menção para sua importância por entendermos que nossa aptidão de projetarmos imagens mentalmente, a partir de qualquer estímulo exterior, nos permite aproximar mais os alunos dos fenômenos do que o simples enquadramento formal e teóricos dos conteúdos que dificultam a apreensão por eles.

Nessa mesma direção, abarcaremos, no quinto tópico, a relevância das imagens dando ênfase aos aspectos de nossas experiências ordinárias em relação ao aprendizado do teor da Geografia, desenvolvendo alguns exemplos das dificuldades em que passamos ao tratarmos certos problemas concernentes ao estudo do espaço geográfico e, as maneiras com as quais concordamos e propomos para suprir essas dificuldades tanto dos docentes como dos discentes ao serem, por um lado transmissores e, por outro, receptores de teorias meramente abstratas, porém, sem deixar de acenar para elas.

Por fim, encerraremos nosso artigo discorrendo sobre a eficiência das imagens como mecanismo guia diante de um mundo condicionado pela dinâmica e o fluxo no campo das descobertas e das paisagens. Nesse último assunto, faremos um paralelo entre um percurso empreendido em uma estrada e o caminho do conhecimento e apontaremos para uma proposta pedagógica atreves das imagens com o fito de apontar o uso da delas como instrumento capaz de lançar o aluno na riqueza dos

conteúdos de Geografia. Essa relação visa apontar para a atuação das imagens nesse saga, pois elas desempenham o papel balizador frente ao nível no qual nos encontramos, referente ao aprendizado, e às nossas próximas descobertas.

2 METODOLOGIA

Nossa pesquisa teve como delineamento metodológico o procedimento de tipo levantamento bibliográfico, segundo o qual utilizaremos várias perspectivas concernentes ao exame da Imagem. Esse bosquejo nos permitirá adentrarmos em algumas investidas que percorreram o mesmo objeto de exploração em que nos debruçaremos aqui nesta investigação.

É possível corroborar com esse tipo de iniciativa metodológica sobretudo quando o enfoque de nossa pesquisa não é coleta e cruzamentos de dados extraídos de estudos de casos realizado por nós. O que nos basta aqui são as pesquisas já apresentadas por autores que farão frente ao elenco de nosso trabalho. Os resultados de seus estudos contribuirão suficientemente com a indagação que motiva nosso artigo.

Segundo Oliveira, “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (1997, p. 119). O uso de trabalhos já consagrados atinentes ao emprego das imagens como ferramenta didática no ensino de Geografia tornará nossa tarefa menos complexa, pois, o elemento de verificação dos pormenores no que diz respeito a recepção das imagens pelos alunos não é alvo de nossa abordagem. Apenas, nos ateremos em sua importância e aplicação pedagógica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O que é imagem?

A imagem é um termo amplamente reivindicado pelo nosso aparelho ocular. No entanto, a sua definição transborda essa perspectiva e nos conduz à um alcance muito mais rico e fértil de utilizações e denotações. Seu alcance pode atingir diversos parâmetros de indicações a ponto de podermos classificá-la como um termo geral a partir de métodos que a abarca como meios e/ou fins. Nessa medida, não podemos limitar seu desígnio reduzindo-a ao mero expediente do sentido ótico, pois,

O termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos os seus empregos. De fato, o que há de comum, em primeiro lugar, em um desenho infantil, um filme, uma pintura mural ou impressionista, grafites, cartazes, uma imagem mental, um logotipo, “falar por imagem” etc.? (JOLY, 1996, p.13)

Dessa maneira, nossa abordagem adota a imagem nesse sentido mais amplo e geral em que pode ser encarado como uma noção de longa compreensão e de significado comum, ou seja, que, onde quer que nos debrucemos o que encontramos são imagens. Portanto, quando utilizamos o termo imagem aqui nesta pesquisa, estamos nos referindo ao seu mais amplo conjunto de acepção entre meio e finalidade. Não pretendemos tomá-la – assim como dissemos – no seu significado mais reduzido e que está vinculado à faculdade visual. A imagem aqui tem essa distinção de seu uso ordinário atribuído ao senso comum. Nossa perspectiva encara seu emprego a partir do prisma que ascende ao ponto *sui generis* desse termo. Ou seja, nossa abordagem remete-a para uma dimensão no qual seu uso está livre de seu sentido próprio em que a imagem resume-se ao sistema da faculdade ocular.

Desse modo, e, assumindo a imagem no sentido acima descrito, podemos dizer que a imagem talvez seja o recurso mais utilizado como instrumento pedagógico desde as mais antigas civilizações. Sua utilização como ferramenta para construir conhecimento pode ser encontrado nas diversas situações no qual o homem se dispôs a transmití-lo. As imagens como recurso para a difusão de conhecimento podem ser elencadas em pelo menos três maneiras distintas, quais sejam: a imagem que remete à uma figura concreta, como são os casos de desenhos encontrados nos interiores das cavernas; imagens simbólicas, como são aquelas atribuídas as palavras ou a associações entre objetos concretos e o que se pretende representar; e, as imagens metafóricas, as quais muitas vezes são representadas com base nestas duas últimas formas de imagens. Com referência a imagem,

O mais impressionante é que, apesar da diversidade de significações da palavra, consigamos compreendê-la. Compreendemos que indica algo que embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visível, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produziu ou reconhece (JOLY, 1996, p. 13).

No entanto, para nossa abordagem, não vem ao caso nos atermos em suas significações singulares, até porque, seria demasiado denso tratarmos dessa questão

sem os referenciais adequados para distinguir cada uma e seus respectivos usos enquanto expediente diante do que nos propomos aqui neste artigo, ou seja, apontar para a necessidade do uso das imagens no ensino de geografia e sua importância no aprendizado, pelo aluno, dos meandros acerca do Espaço Geográfico. Em outras palavras, o que verificamos aqui é justamente assinalar a relevância das imagens, em seu significado lato, como mecanismo auxiliar e, em algumas vezes, indispensável nas exposições e aulas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A imagem como “recurso didático” para o ensino em Geografia

Não nos restam dúvidas que somos capazes de criar imagens no intelecto a partir de sensores não visual e por meio de explicações literárias de alcance análogo às coisas que queremos demonstrar. Não seria necessário recorrermos a nenhuma autoridade da neurociência para demonstrarmos que somos capazes de projetar tais imagens mentais apenas de posse de dados externos capturados pelo “tato” ou pela leitura de um poema por exemplo. Nesta perspectiva,

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, de vê-lo quase como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e parece tomar emprestadas suas características da visão (JOLY, 1996, p. 19).

É possível citarmos diversas experiências corriqueiras sobre a correspondência que temos naturalmente de projetarmos mentalmente uma imagem ou até mesmo, por analogia, explorar a aptidão que os animais de hábitos noturnos têm para perceber o ambiente através apenas da audição – por exemplo – ou, nossa capacidade de criar cenários apenas ouvindo nossos professores discorrendo sobre as crônicas de Lima Barreto. Essa potência que temos de projetar imageticamente objetos na mente, a partir dos vários sentidos, é o que nos permite aqui apresentar a ideia de que todos os tipos de imagens são importantes para serem exploradas no ensino de Geografia.

Todos os recursos disponíveis em sala de aula devem ser tratados aqui como condição de possibilidade de se criar imagens. Se somos capazes desse feito, ou seja, de “ver” através de tudo quanto há, então devemos nos assegurar que os recursos sejam bem aproveitados para a melhor compreensão do espaço Geográfico. Não

devemos nos furtar de qualquer que seja o dispositivo imagético disponível, o que importa é levar o aluno a tentar criar na imaginação o ambiente que se pretende ser explorado para que a teoria não se cristalize como sendo algo que não tem valor real e desejável.

Se não podemos explorar a Terra e seus fenômenos em sua totalidade em sala de aula, muito menos experimentá-los *in loco* todas as ocorrências existentes, então devemos proporcionar meios que possam diminuir a distância que separam o aluno dos fenômenos. Sendo assim, devemos facilitar essa aproximação mediando-a por imagens, até porque nem sempre a linguagem verbal nos permite fazer esse ajustamento sem ficarmos engessados na abstração. Sobre isso, é importante salientar que:

As imagens em seu potencial desenvolvem-se em todos os campos científicos: da astronomia à medicina, da matemática à meteorologia, da geodinâmica à física e à astrofísica, da informática à biologia, do mecânico ao nuclear etc.

Nesses diversos campos, as imagens certamente são visualizações de fenômenos. O que as distingue fundamentalmente umas das outras, excetuando-se, é claro, as tecnologias mais ou menos avançadas que utilizam, é que são hora imagens “verdadeiramente” ou “reais” - Isto é, permitem uma observação mais ou menos sofisticada da realidade [...] (JOLY, 1996, p. 23).

No entanto, para Filizola: “embora a imagem exerça um forte apelo, seja capaz de mobilizar a atenção e o interesse dos alunos, não podemos perder de vista a relevância da linguagem escrita. Não estamos querendo dizer com isso que o texto deva ocupar a maior parte de nossas aulas” (2009, p. 95-96). Mas, como dissera Dantas e Moraes (2007), “ver precede as palavras”. Isso significa em termos cognoscível que são os objetos que tem prevalência ou são a “gênese” na escala do conhecer e não as teorias imobilizadas³.

³ Essa questão é tratada de forma exaustiva em várias frentes de pesquisa e conhecimento na história da humanidade, porém, somos de acordo com Immanuel Kant quando este diz que: “Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efectivamente, que outra coisa poderia despertar e pôr em acção a nossa capacidade de conhecer senão os objectos que affectam os sentidos e que, por uma lado, originam por si mesmos as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que denomina experiência? Assim, *na ordem do tempo*, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que o conhecimento tem seu início”. (KANT, 2001, p. 36).

Com isso, é preciso deslocarmos a didática paradigmática e reconhecer a prevalência da experiência no ensino de Geografia, mesmo não podendo abarcar todo o espaço geográfico em sua plenitude. As imagens por si só não contemplam a realidade em sua magnitude, porém, nos tira da superfície congelada das teorias e nos lança em camadas menos rígidas antes não exploradas no ensino de Geografia. Por isso, dizemos que as imagens são auxiliares na didática, pois, elas devem fornecer esclarecimentos para os alunos com dificuldades de compreensão da linguagem teórica/acadêmica no ensino de Geografia.

Quando pensamos nas lendas medievais dos abismos que engoliam as embarcações nos limites dos horizontes dos mares europeu, percebemos o quanto as imagens nos libertou de narrativas tão horríveis. Os mapas confeccionados pelos primeiros navegantes nos tirou daquela insegura e limitada visão de mundo repleto de superstições. O mesmo devemos reivindicar para libertar nossos alunos diante de um mundo de possibilidades sem limites.

As imagens devem suprir aquilo que não podemos oferecer, isto é, o mundo em sua integralidade, mesmo que esses recursos não deem conta de abarcá-lo, pois, só podemos conhecer os objetos tomando-os por completo e com todas as nossas forças e sentidos. Se não podemos dispor do Mundo concreto para dar aos alunos em sua força viva, então não devemos reduzi-lo as páginas dos livros didáticos ou a meras teorias apenas. Temos que, como os primeiros navegantes, e como professores que conseguimos romper com os abismos dessa disciplina, mostrar os “mapas” que fizemos nessa expedição usando os recursos que se nos mostram dignos dos primeiros contornos dos novos continentes alcançados, mesmo que sejam rabisco de um mundo novo.

Os cinemas, as fotografias, os mapas em suas diversas configurações, todos os tipos de artifícios materiais e qualquer outra forma de estímulos didático que possam gerar no intelecto alguma imagem, seja teórico ou prático, que nos possibilite estar atrelados com os objetos do ambiente que escolhemos para explorar, são importantes para o avanço no aprendizado. Imagem, assim como concebemos aqui, extrapola os significados tradicionais de meros coadjuvantes nas investigações geográficas⁴.

⁴ Porém, diante do que foi dito, isso implica expormos, também, que, de posse desses recursos, a tarefa do professor não pode passar ao largo do processo de aprendizagem, devido essa carga de informações estarem eivadas de significações que transcendem a objetividade dos fenômenos geográficos e sua

Como indicamos, às vezes fazem-se necessárias, para o bom aproveitamento das explicações nas aulas, o expediente desses recursos estimulando a faculdade da imaginação. Nesse sentido, Santana e Barbosa nos insta apontado para o uso das imagens nas aulas revelando que:

Percebeu-se a importância do uso de imagens como recurso para o estudo das paisagens no ensino da Geografia. Assim sendo, a utilização de imagens no processo de ensino/aprendizagem é eficaz para oportunizar a compreensão dos conteúdos pelos alunos, trazendo consigo mesmo a importância ilustrativa para se compreender com mais facilidade a importância da paisagem, como a mesma faz parte de uma construção histórica da humanidade, não só o conteúdo de paisagem como em qualquer conteúdo geográfico (SANTANA; BARBOSA, 2007, p.11).

Esses autores também nos indicam que os recursos de imagens na prática pedagógica fortalece os laços do aluno com a disciplina de Geografia, pois, seu conteúdo tem esse caráter estimulador por se debruçar sobre as paisagens e os ambientes mais variados. A Geografia estuda a Terra e as interações que nela atuam, assim, não é muito fértil examinar seus rincões sem tangenciarmos seus contornos, mesmo que ainda seja em nossa imaginação. Por isso, acrescentam Santana e Barbosa, em seu estudo de caso, que:

Neste contexto, a imagem encontra-se disseminada como uma ferramenta útil para ser explorada, pois os alunos encontravam-se desestimulados a aprender conteúdo, a partir das imagens começaram a desenvolver habilidades que levou a aproximar a imagem ao conteúdo geográfico, comprovando mais participação nas aulas de Geografia. E, assim, foi possível notar que receberam muito bem esta prática, interagindo muito com as atividades, demonstrando maior interesse para estudar os conteúdos trabalhados e, assim, puderam compreender que este é um recurso eficaz e também o poder que as imagens exercem no nosso cotidiano. Os resultados alcançados foram satisfatórios, pois a utilização do recurso auxiliou para a descrição, interpretação e leitura de paisagens, fomentando a mobilização do pensamento dos alunos, a produção da leitura através do olhar e, como consequência, o desenvolvimento do ensino aprendizagem em Geografia. (SANTANA; BARBOSA, 2007, p.11-12).

veracidade. É importante frisarmos, nesse sentido, que a intervenção do professor de Geografia, nesse processo, deve ser o papel de mediador entre o aluno e o conteúdo exposto. Nesse sentido, JOLY (1996) orienta para a manipulação dos diversos tipos de imagens os quais (desde os vídeos 360º até os clips publicitários) podem ser manipulados e gerar confusão entre o “virtual” com o “real”. Por isso, acreditamos que o professor deve proceder de modo que encaminhe o aluno para a significação correta e veraz das imagens e acontecimentos.

É importante salientar que, diante do discorrido por esses autores, as imagens não são meros cosméticos pedagógicos os quais apenas encobrem falhas didáticas no ensino. Sua utilização, vai além das ligações de contornos em lições não eficientes e débeis. Seu poder está em despertar no aluno o interesse por aquilo que é “palpável” e não se esvanece como perfumaria teórica que não deixam marcas balizadoras nas vidas dos estudantes.

5 POR QUE IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA?

Diante do que fora exposto, e, ao observarmos que a Geografia é a ciência, por excelência, que se debruça sobre o espaço geográfico, não podemos sonegar a importância de discuti-la em suas nuances uma vez que seus objetos nos estão sempre em manifestação explícita e diante de nossas vistas. Quando nos dispomos a discutir o espaço geográfico em sua totalidade não podemos nos limitar apenas a meras conjecturas teóricas, sobretudo quando estamos lidando com alunos que não possuem habilidades específicas para tratar do espaço e o que nele está inserido, por isso, devemos utilizar as mais variadas maneiras de exposições nas aulas. Nesse sentido, é forçoso tomar como apoio, para o ensino de Geografia, as imagens como instrumento pedagógico.

Pensar no aprender o espaço geográfico, em sua totalidade, é remeter não exclusivamente a noções formais e abstratas que levam os alunos inexperientes a tirarem conclusões inadequadas sobre o conteúdo do que se pretende ensinar, pois, estudar a geografia implica necessariamente que temos diante de nós elementos concretos que merece do observador o esforço de contemplá-lo empiricamente. Quando não fazemos esse esforço a lacuna no aprendizado pode gerar dificuldades de capacitação do conteúdo e na ordem cognitiva dos alunos.

Quando falamos formalmente sobre a Caatinga por exemplo: “Formação vegetal xerófila do interior do Nordeste do Brasil (sertão) constituída por arbustos espinhentos e cactáceas. Pode ser fechada e impenetrável, ou aberta, segundo condições climáticas e pedológicas”. Percebemos, neste caso, que, até entre os mais experientes, essa definição por si mesma não se basta, principalmente quando estamos diante de um público com pouco costume nesse tipo linguagem técnica e de ambiente.

Ao que é possível observar, quando apresentamos esse tipo de linguagem aos alunos de níveis não superiores nos torna muito evidente que o uso das imagens são imprescindíveis para o esclarecimento do objeto que estamos apresentando. No caso do exemplo acima, se dissemos da Caatinga para um aluno com costumes e vivência no referido espaço geográfico a tarefa não se torna tão abstrata a ponto dele criar uma imagem do local no qual ele tenha experimentado. Por outro lado, ao apresentarmos a mesma definição de Caatinga para alguém que nunca pode experimentar *in loco* esse tipo específico e característico de vegetação, dificilmente esse alguém poderá projetar, em termos imagéticos, a Caatinga em suas nuances. Portanto, faz-se necessário o maior número de instrumentos que possibilitem a reprodução de imagens do ambiente ao qual estamos nos debruçando para não ficarmos presos em abstrações quase ininteligíveis.

Em alguns casos, é possível falarmos em termos abstratos e mesmo assim não causarmos nenhuma dificuldade no aprendizado por uma questão muito simples e dedutiva no qual os próprios alunos podem intuir à medida que são estimulados por essa linguagem que faz referência a objetos tangíveis de sua realidade. Em outras palavras, se estamos nos referindo ao degelo das 'calotas polares', não teríamos muitas dificuldades de fazer o aluno projetar essa imagem porque em sua vivência o degelo pode ser observado corriqueiramente até em uma experiência simples como a de tomar um sorvete. Sendo assim, basta que estimulemos os alunos a projetar imagens dessa experiência em escalas gigantescas para que eles prontamente consigam conceber o fenômeno explicado através de meras ilustrações literárias, ou seja, fazemos um exercício de analogias para apresentar para os alunos aqueles fenômenos que ocorrem no Espaço Geográfico cuja experiência concreta não é possível ser feita presencialmente.

Entretanto, em outros casos a missão torna-se quase impossível de intelecção, ou seja, há casos do estudo do espaço geográfico e os fenômenos que nele acontece que não podem ser de simples intelecção imaginativa, pois, são fenômenos que requer uma gama conceitual abrangente e que está vinculado a fatores e disciplinas que extrapolam a própria competência do professor de Geografia. Podemos citar o fenômeno denominado de 'aurora boreal' em que a explicação teórica extrapola o domínio da linguagem geográfica a ponto do professor apenas poder exprimir essa

ocorrência, no espaço geográfico, por meio auxiliar de instrumentos de projeção de imagens a fim de oferecer o objeto que se quer fazer entendido pelo aluno.

Estas imagens traduzem de alguma forma o que queremos dizer quanto a representação de algo através de palavras e sua aparição na paisagem, embora, entendamos que esses fenômenos seriam melhor explorados se fossem exibidos por meio de imagens em movimento.



Fonte: Disponível em <www.intercambistas.com>.



Fonte: Disponível em <www.andredib.com.br>.



Fonte: Disponível em <www.fotosbonitas.com.br/fotos-de-geleiras>



Fonte: Disponível em <www.areaseg.com/sinais/detransito.html>

É possível que em alguns casos possamos nos furtar do uso das imagens para a melhor compreensão do tema em estudo, porém, há casos em que seu uso se torna indispensável se queremos uma captação minimamente próxima da realidade. São indispensáveis as imagens que possuem em seu escopo fenômenos inteiramente desprovido de aproximações analógicas na vida ordinária das pessoas. Já citamos o exemplo da 'aurora boreal' como fenômeno que precisa ser exposto por meio de projeções imagéticas para seu melhor entendimento a fim de alertar que existem fenômenos que, sem o uso de imagens, não é possível uma compreensão adequada do que ocorre.

Esses fenômenos são aqueles que não são possíveis, apenas com recursos linguísticos: teóricos e/ou literários, a definição do objeto. É necessário o expediente

das imagens para a exposição pormenorizada em vista atingir, ainda com alguma deficiência, as dimensões características e suas peculiaridades. Exemplos não nos faltariam para demonstrar a importância das imagens como instrumento no ensino de geografia, no entanto, não podemos fazer uso delas porque frisariamos apenas as fotografias como recursos imagéticos. Nesse sentido,

Os desenhos, cartas mentais, croquis, maquetes, plantas e mapas podem ser englobados entre os textos gráficos, plásticos e trabalhados no ensino e nas pesquisas da Geografia. Diferenciam-se dos demais textos alfabéticos pela dinâmica da figura, ou seja, de uma forma espacial. Linhas, formas, superfícies, distâncias, extensões, volumes e suas várias dimensões (comprimento, largura, altura) representam o espaço vivido e as práticas sociais. Diferem entre eles pela predominância da polissemia da linguagem figurativa, em contraposição à linguagem “monossêmica” dos gráficos e mapas cartográficos.

Esses recursos fazem parte, tradicionalmente, daqueles utilizados pelo professor em sala de aula, de forma sistemática ou não, atendendo a objetivos específicos. Pesquisas no ensino da Geografia, nas últimas décadas, têm aprofundado, teórica e metodologicamente, o papel dos tipos de representação espacial e suas linguagens na formação do professor e dos alunos da escola básica (PONTUSCHKA et al. 2007, p. 293).

É nessa perspectiva que deve ser pautada a dinâmica do ensino de Geografia. Utilizar dos mais variados tipos de mecanismos pedagógicos e não ficarmos presos em estruturas dogmáticas que limitam a transmissão e a recepção dos alunos quando o que está em jogo são os objetos concretos que não merecem ser tratados como peças teóricas no âmbito dos paradigmas da linguagem sistemática. O acréscimo que propomos aqui é dá ênfase ao uso das imagens – sejam elas quais forem – nesse arcabouço pedagógico, pois, segundo nossa perspectiva, elas merecem um espaço proeminente no elenco das diversas formas de conduzir o ensino de Geografia. Pois, como fora dito, a imagem carrega consigo a condição de possibilidade de inserir o aluno o mais próximo do objeto real.

A proeminência da imagem está na sua força impulsiva que vigora desde os tempos mais distantes, mas que tomou contornos destacados sobretudo com o advento das técnicas imagéticas em seu arcabouço prático. O avanço dessas técnicas nos lança em um universo de possibilidades fantástico no qual podemos oferecer aos alunos da mesma forma as mais distintas maneiras de conceber o espaço geográfico. E, dessa maneira, é mister destacar sua relevância frente à outros instrumentos, observando seu aprimoramento e sua herança para à aquisição mais contumaz do conteúdo no ensino de Geografia, pois:

[...] não é mais possível negar que um grande patrimônio cultural legado do século XX para o XXI, é a imagem, a forma como é produzida e como interfere no cotidiano. Uma espécie de carimbo existencial que acompanha o educador em seu ofício, mesmo que não faça parte do seu repertório de ações e reflexões no exercício de leitura do mundo. A imagem ultrapassa o código da escrita e se instaura no seio do processo educativo, trazendo à superfície o que já se sabia, mas pouco se explorava [...] E mais: “o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo circundante, influenciado pela forma como vemos e cremos (BERGER, 1999 apud DANTAS; MORAIS, 2007, p. 9).

Por isso, negar a importância das imagens é tratar a Geografia como uma ciência meramente teórica sem alcance prático. Não estamos negando a importância da teoria para sustentar os pressupostos e leis que orientam os estudos geográficos, porém, o que estamos chamando a atenção é da maneira como vamos abordar tais paradigmas teóricos diante de alunos que sequer pode fazer ligações entre o dito e o experimentável. Por isso, chamamos a atenção para imagem neste sentido. Nossa indagação versa inclusive sobre a perspectiva de que o homem que experimenta, experimenta antes mesmo de se dispor e reduzir tal experiência à alguma teoria, ou seja, o processo de conhecer passa primeiro pela experiência concreta das coisas para depois transforma-las em teorias abstratas. Essa seria a máxima das ciências positivistas. Com a ressalva de que o indivíduo que transmite e compreende faça parte desse processo.

6 A EFICIÊNCIA DAS IMAGENS NA APREENSÃO DO MUNDO E COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

6.1 Imagem na condução do conhecimento

Como já discurremos – muito eficiente é o uso das imagens no aprendizado em seus mais variados estágios do conhecimento ou até mesmo em nosso dia-a-dia.

Quando nos debruçamos sobre seus mais distintos significados e empregos, vemos o quanto é rico esse recurso em nossas vidas, pois, em vista da apreensão e do conhecimento do mundo em nossa volta, as imagens não só podem nos fazer atingir os objetos eles mesmos, que nos são inteiramente dados pelas experiências concretas, como também, podem nos conduzir numa trajetória metodológica em que a transmissão é apenas um meio para alcançar e aproximar o aluno do mundo. É na medida que se segue que a imagem cria as condições para uma aproximação do “mundo do aluno” com os fenômenos geográficos. Pois,

Podemos extrair estratégias metodológicas que se movem pelos meandros da observação/descrição, dos resíduos e das combinações para perscrutar outras fontes e materiais, ampliando o escopo de intervenção do olhar sobre o meio. A tradição geográfica elege o ambiente como o laboratório da produção do conhecimento, sendo ele físico e concreto, e a atividade de campo como meio para aprender e ensinar sobre a realidade. Nesse caminho, precisamos fazer uso de diferentes registros, sendo a iconografia um deles. [...] Não é só a iconografia gerada por meio da atividade de campo que deve interessar ao professor. É a iconografia que precisa ser incorporada ao seu trabalho, ampliando o *universo* de possibilidades para ler, interpretar e interferir no espaço geográfico (DANTAS; MORAIS, 2007, p. 2).

O que queremos dizer com isso é que as imagens não só podem nos oferecer a possibilidade de encararmos os próprios fenômenos, como também, proporcionar uma ascensão do conhecimento em busca do mundo que nos circunda através da interpretação de cada interlocutor atinente a imagem contemplada.

Pensemos, portanto, em uma viagem em que nosso desembarcar seria um lugar ainda não explorado por nós..., como chegaríamos nesse lugar se não tivéssemos, entre outras coisas, o auxílio das imagens para nos guiar em direção a tal destino? Vamos imaginar que o único meio que teríamos para chegar nesse lugar seria um automóvel e apenas as informações preliminares de seu nome e sua localização espacial.

Poderíamos iniciar nossa viagem de posse dessas informações preliminares e seguir em direção a sua localização sem maiores problemas utilizando qualquer recurso de navegação e chegarmos ao destino desejado. Poderíamos, também, seguir as orientações das estrelas como solução de orientação e chegarmos lá. Poderíamos, inclusive, utilizar quaisquer meios, mas sempre nos baseando em imagens nessa aventura.

Não seria diferente se utilizássemos os meios convencionais hoje empregados e iniciar nossa saga “pegando a estrada”. O que haveria em comum em tudo isso? As imagens como norteadoras de nossos passos em direção ao fim que se destina. Isto é, “pegar a estrada” é sem dúvida um exemplo dos mais fortes de como as imagens são necessárias no tempo e na dinâmica de demandas em que o homem contemporâneo está emergido em que o conhecimento está sempre nos oferecendo novidades. Ou seja:

A contemporaneidade imagética é uma constatação amplamente aceita. Em todos os lugares que circulamos, de alguma forma, existem imagens que nos orientam, que nos disciplinam, que nos educam, que nos divertem, enfim, que nos fornecem valiosas pistas para estarmos no mundo. Por mais corriqueiras que sejam as imagens que fazem parte de nosso mundo, é possível em sua fluidez para nossas práticas pedagógicas (TONINI, 2011, p.96).

É difícil pensarmos em um trânsito urbano ou nas autoestradas sem o uso dos símbolos para nos conduzir a qualquer lugar que fôssemos. Seria uma espécie de passeio dos horrores se nos deparássemos com as placas de sinalização em que dissessem: “Junções sucessivas contrárias primeira à esquerda” ou “Entroncamento oblíquo à direita”. Todavia, o uso de sinais visuais nos possibilita, em termos de eficiência cognitiva, desenhar o que temos diante de nós e o que nos avizinha utilizando esses símbolos como realmente acontece em nosso trânsito, isto é, os códigos: símbolos de trânsito (e os cartográficos inclusive) facilitam o prosseguimento de nossos percursos porque nos tira das informações abstratas e nos lançam na dimensão tangível dos fatos.

É nesse sentido que entendemos que as imagens tem esse caráter eficiente na apreensão e na condução dos alunos de Geografia diante de seus objetos de exame. Entender que as imagens desempenham essas funções: a de indicar onde estamos localizados, ou seja, diante de objetos onde a rotina de mudanças e transformações requerem esses instrumentos capazes de fornecer tais informações, e; nos conduzir rumo a apreensão de um mundo aberto à possibilidades em que as definições teóricas no estudo de Geografia não supra tais anseios, seja pelo caminho que ela conduz; seja pelo foco da interpretação do mundo que envolve o interlocutor [aluno]. Ou melhor,

A imagem invade o cotidiano das vivências dos estudantes. São tanto os marcadores que não podem ser lidos como só estéticos, de diversão ou objetos de uso cotidiano, mas também como elementos que contribuem, de uma maneira poderosa, para construir suas subjetividades (TONINI, 2011, p.97).

Assim sendo, as imagens são aqueles instrumentos que nos possibilitam avançar diante das dificuldades imanentes encontradas durante a trajetória e cada estágio no que concerne ao espaço geográfico e suas nuances em um mundo repleto de movimento e alterações constantes. Sua eficiência pedagógica nos oferece essa configuração de possibilidade e valor em que não apenas podemos recorrer à elas

como ferramenta de confrontação analógica na fronteira do que é experimentado e teorizado, mas, sobretudo, utilizá-las como indicador ou orientador de perspectiva rumo ao objeto que queremos examinar sem esquecer que são os alunos que darão significado ao que é observado.

Nesse viés, temos as imagens como mecanismo que possibilita o contraste mesmo das coisas no mundo e suas dimensões que não podem ser abarcadas pelas doutrinas das teorias. Vimos aqui que as teorias não nos possibilitam apresentar aos alunos o mundo em seus detalhes e características em um panorama de repleto fluxo de transformações e interpretações.

Domesticar as coisas por meio de ideias consagradas pode ferir a capacidade de os alunos na busca do verdadeiro significado delas fora dos livros didáticos nos quais, na maioria dos casos, as teorias tem prevalência. Por isso, temos o cuidado de demonstrar que as imagens – como a definimos aqui – são contumaz oportunas à medida que não sufoca o interlocutor com definições alijadas de interpretações que merecem dos alunos, como interlocutores no ascese de um conhecimento, que não pode ser paralisado por teorias sublimes em que os objetos mesmo inserido no espaço geográfico está para além de meras interpretações convencionais das academias. Ainda, segundo nosso plano de argumentação, referente as imagens em seu sentido lato, podemos recorrer a leitura que Dantas e Morais fazem da imagem, ressaltando seus interesses pela fotografia, isto é:

A iconografia se impõe à sociedade moderna como fonte inesgotável de revelações e possibilidades de aprendizagem, da anunciada unidade terrestre; e, o olhar como caminho para adentrar e compreender o labirinto espacial em que se transformou a Terra. La Blache ao eleger a observação/descrição como caminho para interpretar a realidade, transforma o geógrafo em um sujeito privilegiado para olhar e encontrar aquilo que apenas se mostra, sem jamais falar. Em outras palavras, o geógrafo está imerso no mundo das imagens, estejam elas grafadas em suportes diversificados, estejam elas disponíveis no grande cenário que é a paisagem. Ensinar a olhar as imagens do mundo se constitui o desafio do professor de geografia (DANTAS; MORAIS, 2007, p. 2-3).

Assim como no trânsito, nosso passeio pelo conhecimento deve estar aberto as interpretações. As imagens são essas placas de sinalização em que, na visada do interlocutor, possibilite um mundo de conhecimento que está agora e adiante de seus significados cristalizados. A cada estágio do conhecimento, e, a cada metro após a visada de uma imagem e de uma placa de sinalização no trânsito existe um universo

em aberto, embora o significado que tais imagens e tais sinalizações possam transmitir predicativamente, é o aluno que dará a maior contribuição nessa relação entre o objeto observado, ou seja, na dinâmica do aprendizado a imagem supre com eficiência os dois vetores apresentados neste tópico, quais sejam: que as imagens exerce o papel de indicador dos fenômenos e condutor no processo de conhecimento sem subtrair do aluno o grau de autonomia que este tem em relação ao que é experimentado.

6.2 Uma proposta pedagógica a partir do uso das imagens

Diante das inúmeras alternativas de procedimento em torno das aulas no ensino de geografia as que mais nos chama a atenção são àqueles nas quais as imagens nos oferecem como uma propositura pedagógica. Dados de diversos escrutínios são avalistas desta percepção que temos no que tange ao melhor aproveitamento dos alunos de níveis não superior e quando o que está em jogo é a aproximação dos mesmos aos conteúdos de Geografia. Para demonstrar esse atilamento tomaremos como base os levantamentos feitos por Girão e Lima (2013) quando eles, através de pesquisa desenvolvida com alunos do Ensino Médio, questionam sobre o quanto as imagens podem facilitar na didática dessa disciplina. Então, vejamos os resultados:

A influência do uso da imagem associada ao texto na aprendizagem

Quando perguntado aos alunos se o uso da imagem facilita a aprendizagem, 89% afirmaram aprender melhor com o uso da imagem associada ao texto; 9% dos entrevistados responderam que aprendem apenas com o uso da imagem sem o apoio do texto; 2% preferem apenas a exposição oral como elemento de aprendizagem e nenhum dos alunos apontou para apenas o texto escrito como suporte para a aprendizagem. Portanto, é possível compreender que a imagem facilita a aprendizagem, pois, a velocidade com as quais as processamos contribuem para a fixação dos conteúdos.

A prática de ensino com o uso de imagem e sem o uso de imagem

Nesse item os entrevistados tiveram a oportunidade de fazer uma análise comparativa entre as aulas que utilizam a imagem como suporte e as aulas que não utilizam o mesmo suporte. Então, 73% dos entrevistados afirmaram que tem mais dificuldade quando o professor não utiliza imagens; 25% afirmaram que se sobressai nas disciplinas onde o professor faz uso constante das imagens; 2% afirmaram que aprendem normalmente, independente do uso da imagem, todos os alunos opinaram sobre essa questão. Com este item podemos questionar: Se é mais fácil aprender com o apoio das imagens, porque insistimos em não usá-la? É necessário, portanto, que o professor atente para essa “nova” forma de produzir conhecimento.

O uso da imagem na disciplina Geografia

No que se refere ao uso da imagem na disciplina Geografia, 57% dos entrevistados afirmaram que o uso da imagem é importante, pois, a partir dela

compreendem melhor o espaço e suas transformações; 43% afirmaram que a imagem facilita a aprendizagem à medida que a observação e a compreensão dos registros iconográficos permitem melhor compreensão dos conteúdos; com relação as opções em que o uso da imagem não interfere na aprendizagem ou é dispensável nenhum aluno opinou. Nesse item, percebe-se o poder que a imagem exerce dentro da disciplina Geografia. O as mudanças no mundo contemporâneo são rápidas intensas, e para compreendê-las, é preciso estar disposto a analisar os fatos por meio de linguagens múltiplas, afinal, a Revolução Tecnológica permitiu a formação de uma sociedade predominantemente visual, e a escola, em especial a Geografia, necessita despertar no aluno a curiosidade e a busca pelo conhecimento a partir dos meios que lhe são propostos.

O uso da imagem no livro didático

Quanto a presença de imagens nos livros didáticos como suporte para compreensão de texto e melhor aprendizagem, 55% dos alunos afirmaram serem esses elementos importantes aliados, pois, um texto mostrado pela palavra-imagem torna-se mais acessível aos leitores; 35% afirmaram que as imagens do livro didático, são subsídios para entender o texto escrito; 4% afirmaram que as imagens são dispensáveis, pois, o texto escrito é a forma segura e racional de se transmitir conhecimento e 2% não assinalaram as alternativas apresentadas. Portanto, pode-se perceber que livros que contem imagens, apoiando o texto, são mais bem aceitos pelos alunos em função de poderem analisar, comparar e questionar diferentes paisagens e realidades. É no confronto de informações e imagens que a aprendizagem torna-se agradável e prazerosa.

O uso de filmes e propagandas em sala de aula nas diversas áreas de ensino

Com relação ao uso de filmes e propagandas, 57% dos alunos responderam que facilita a aprendizagem, pois o ver é extremamente importante para ler o mundo e suas transformações; para 41% dos entrevistados, se utilizados de forma adequada são importantes aliados no processo de ensino aprendizagem; com relação as alternativas que continham o uso de filmes e propagandas como mero ilustradores não contribuindo para a formação cidadã e a não utilização desses recursos pelos professores, nenhum aluno as assinalaram; 2% não responderam a essa questão. A análise do resultado mostra claramente a importância da utilização deste recurso em sala de aula, pois contribuem para a formação de um cidadão capaz de atuar no mundo e fazer as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade com menos desigualdade.

Como podemos notar, em todos os casos perguntados, a imagem tem um altíssimo potencial de influenciar os alunos no curso do aprendizado e no estímulo deles sobre os objetos concernentes a Geografia. Esse estudo de caso é talvez um pilar para corroborar de fato que os alunos estão muito mais dispostos à atenderem reciprocamente ao recebimento de dados provenientes de imagens que não de teorias incapazes de sintetizarem o mundo em palavras. Dito de outro modo, a síntese que as imagens podem perpetrar em relação ao mundo dos fenômenos geográficos, conduzem os alunos muito mais para um patamar de interação rico e fértil do que as simples aulas tradicionais conduzidas pela lousa, caderno e mundo. Sendo assim, a

proposta aqui apresentada tomo a imagem como instrumento facilitador de aprendizado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta pesquisa realizada, por meio de estudo bibliográfico, podemos perceber que as imagens no ensino de Geografia faz-se necessário para um melhor desenvolvimento cognitivo dos alunos, tendo em vista as dificuldades que os mesmos têm de atingir os fenômenos geográficos unicamente pelo esforço de associar o que é exposto teoricamente com o mundo fora das salas de aulas uma vez que se torna impossível conceder os estudos no seus ambientes naturais e físicos.

Percebemos, a partir das referências supracitadas, que o uso das imagens nas aulas de Geografia revela que os discentes se apropriam melhor dos conteúdos, sobretudo quando se é trabalhado teorias e imagens de forma concomitante que se impõe uma ponte que liga e fortalece o embasamento do raciocínio dos alunos. Nessa direção, professor alcançará seu objetivo que é de fazer com que se compreendam o mais próximo possível da realidade.

Todo nosso esforço de demonstrar que as imagens devem e merecem estar no mesmo nível das teorias, enquanto elemento didático nas salas de aula, se deve a duas linhas fundamentais, quais sejam: que a disciplina de Geografia é por definição a ciência que se debruça sobre objetos concretos que estão no mundo, portanto, devem ser contemplados empiricamente, e; que as imagens são esses instrumentos o qual se aproximam de maneira mais “real” possível dos fenômenos que procuramos estudar, logo, seu lugar é no mesmo batente em que se encontra as teorias.

De tudo isso, concluímos que o estudante e o professor de Geografia são aqueles agentes que comungam das mesmas carências no tocante ao experimentar e o espaço geográfico. De um lado, temos os alunos que sequer conseguem inferir o mundo apenas de posse de argumentos prontos; de outro, temos os professores que, mesmo sendo os regressos de uma expedição nos rincões da Geografia, não conseguem contar suas aventuras de posse apenas de escrituras. Entre esses dois agentes, que estão ávidos por descobertas, uns por saber como é, e, outros por saber como serão recebidos, tem-se o mundo e este deve ser contado com o apoio das imagens, sejam elas matérias ou desenvolvidas mentalmente com o apoio de recursos verbais. Essa é a finalidade do uso das imagens no ensino de Geografia: contar o

mundo através dos meios possíveis, seja pela força das teorias ou pelas sutilezas dos contornos das rochas sendo todas causadoras de imagens.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Eugênia Maria. MORAIS, Ione Rodrigues. **O ensino de Geografia e a imagem: universo de possibilidades.** IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Los problemas del mundo actual soluciones y alternativas desde la Geografía y las ciencias sociales. Porto Alegre, 28 de mayo – 1 de junio de 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm>>. Acesso em: 20 de jan. 2016.

GIRÃO, Osvaldo. LIMA, Surama Ramos. **O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”.** In: Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, maio/ago. 2013). Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10774/0>>. Acesso em: 1º maio 2016.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** 11ª ed. Tradução de Appenzeller. Campinas-SP: Papirus, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** 5ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas. TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 1997.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia.** 1º ed. São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

REGO, Nelson. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio:** Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTANA, Luzia Martins de. BARBOSA, Jailma do Ramo. **O uso da leitura da imagem nas aulas de Geografia e para o estudo da paisagem no ensino da Geografia: reflexões a partir da experiência vivenciada, relações na teoria e práticas.** V Encontro de Iniciação à Docência (ENID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br.>> Acesso em: 12 mar. 2016.

SELBACH, Simone. **Geografia e didática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Como Bem Ensinar / coordenação Celso Antunes) Vários autores.

TONINI, Ivaine Maria. **Para pensar o ensino de geografia a partir de uma cultura visual.** In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.), Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio: volume 2, Porto Alegre: Penso, 2011.